

7.

Tempo incerto - ao sul do Saara – origem

Eu sou *griot*. Sou eu, Djeli Mamadou Kouyaté, filho de Bintou Kouyaté e de Djeli Kedian Kouyaté, mestres na arte de falar. Desde tempos imemoriais os Kouyaté estão a serviço dos príncipes Keita do Mandinga: nós somos os sacos de palavras, nós somos os sacos que guardam os segredos muitas vezes seculares. A arte de falar não tem segredo para nós: sem nós os nomes dos reis cairiam no esquecimento, nós somos a memória dos homens, pela palavra damos vida aos fatos e gestos dos reis perante as novas gerações. Eu herdei minha ciência de meu pai Djeli Kedian, que a herdou também de seu pai; a história não tem mistério para nós; ensinamos ao homem comum aquilo que queremos lhe ensinar, porque somos nós que temos as chaves das doze portas do Mandê⁷.

Dois irmãos viajando juntos se perdem em meio a uma vegetação inóspita. Não há, para comer, nenhuma caça, nenhum vegetal, nada. Depois de muito andar sem alimento, o mais novo dos irmãos cai desmaiado. O mais velho, inconformado com a situação, decide cortar uma pedaço de sua própria panturrilha, *fasa*, para alimentar o outro, logo depois, cobre o ferimento com algumas folhas para que ele não o veja. Ao acordar, o mais novo vê a carne sendo cozida e pensa ser de algum animal que passara por ali. Depois de se alimentarem, seguem caminhando. No dia seguinte, a ferida começa a inflamar, passadas algumas horas, o irmão mais velho mal pode andar e é obrigado a contar a verdade a seu irmão mais novo, que fica muito emocionado com este gesto de imenso amor e cuidado. Ele ajuda o irmão com a ferida e juntos chegam ao seu destino. Ao chegarem, o mais novo conta a todos a atitude do mais velho compondo uma canção de louvor em sua honra, na qual exalta a coragem e a nobreza de seu caráter. O louvado, ao ouvi-la, sente-se, então, restituído da parte que lhe falta e retribui com presentes. Os griots são os descendentes do mais novo dos irmãos.

Muitas são as versões sobre a origem dos griots, eles aparecem nas histórias desde a formação do Império Mandé, e tem importante papel no épico de Sundjata, o grande rei-leão que unificou o Império e o liberou do domínio de Sumanguru, o ferreiro, rei de Susso. Em algumas versões da história acima, no lugar dos dois irmãos está Sundjata e seu griot Bala Faasigi Kouyaté, os dois

⁷ NIANE, Djibril Tamsir apud BERNAT, Isaac Bernat: *O olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté*.

estão voltando para reunir os exércitos, depois da morte da mãe de Sundjata, e libertar o reino que foi de seu pai. É Sundjata quem corta sua carne para alimentar o griot, a relação de intrincada parceria que aí se estabelece entre os Kouyaté e os Keita permanece até os dias de hoje. O nome Kouyaté significa: há um segredo entre nós.

Esta história é bastante simbólica, não tenho intenção de interpretá-la já que ela não me chegou através de fonte direta e não tenho vivência alguma nesta cultura para isto. Li algumas versões escritas a partir de gravações feitas com griots, ouvi-a de algumas pessoas, também estrangeiras à esta cultura. Ainda assim, ao me aproximar da história percebo aspectos importantes que saltam mesmo a olhos estranhos. Ela desvela a ligação, ou o pacto, que há entre os dois irmãos, ou entre Sundjata e seu griot, pacto que se repete através das gerações. O irmão mais velho tem a responsabilidade de cuidar do mais novo, que se percebe fisicamente mais frágil. Sua força não está em seu corpo, mas na palavra que ele devolve, como alimento, ao irmão. Os dois só chegam ao seu destino juntos, o mais novo apoia o mais velho na caminhada. A ferida causada pelo corte inflama e Sundjata, ou o irmão mais velho, não é capaz de andar sozinho, ele precisa do apoio do outro. Mas é graças à esta ferida que o mais novo vive.

Este mito fundacional retrata a ética e a visão de mundo sobre a qual esta sociedade se funda. A fragilidade de um é apoiada pela força do outro, um é o duplo do outro, o complemento. A palavra tem o poder de restituir o que falta, e à ela, também como um duplo, se junta a ação. A palavra é capaz de trazer o passado, que não mais está, à presença. Na África Ocidental, a narrativa do passado atua no presente, ela é parte indissociada dele, não é um espaço distante que se conta repetidamente, de forma autômata. Cada contador tem a sua versão, que é legitimada pela tradição do próprio nome que carrega. Cada versão dá ênfase a aspectos distintos, conforme o presente e a presença exigem, a narrativa se constitui, única, no presente, ela é uma ação.

Há, também, nesta história, uma peculiaridade importante, o discurso em louvor do irmão mais velho não importa apenas por contar seu feito a quem não estava presente como forma de manter viva a sua memória, ele traz de volta a parte que lhe foi cortada, o discurso o alimenta. Por comer da carne do irmão, o outro passa a conhecer os seus segredos, os quais muitas vezes, nem ele mesmo tem acesso, são estes segredos que o mais novo lhe revela.

Os segredos mais íntimos que alimentam o ser, que o desvenda e potencializa, só são conhecidos através do outro, outro que carrega no corpo um pedaço deste ser. É uma relação de interdependência entre palavra e ação, conhecimento e ação, entre um e outro. O sentido se realiza sempre no encontro e no gesto.

Ao se falar da origem dos griots, o sangue está, de alguma forma, presente. Em bambara, a palavra usada para griot – *djeli, jeli* ou *dieli*, é a mesma usada para sangue, e a palavra usada para panturrilha – *fasa* – é a mesma usada para a louvação. Os griots, como o sangue, circulam pelo corpo da sociedade, podendo trazer, através de palavras e canções, tanto a cura quanto a doença. Para os griots, a ligação com a palavra é física. É o atravessamento físico que confere legitimidade à palavra. O pacto que se dá entre os irmãos, na história acima, é um pacto de sangue, ao comer a carne de seu irmão, o mais novo se torna capaz de falar sobre ele com veracidade porque o outro passa a ser parte de sua constituição. O ser se completa na palavra do outro, há uma interdependência. A individualidade não é a medida do ser, mas a singularidade, que se define também pela intervenção que vem de fora.

A singularidade, diferente da individualidade que delimita fronteiras, se faz da abertura destas mesmas fronteiras, no compartilhamento. Talvez por isso Sotigui repita em diversos depoimentos que o encontro está no centro da civilização africana. Muitas histórias têm como personagens centrais dois irmãos ou dois amigos. O sujeito está, em quase todas as histórias que conheci, acompanhado de seu duplo. No caso da história acima, um se alimenta da carne do outro para viver, e a ferida que se abre é curada através da palavra. A palavra cura. O ser só se completa quando o outro lhe devolve, através da fala, o que lhe falta. Neste sentido, a palavra encarna.

Este encarnar da palavra não se refere à encarnação tal qual aparece no pensamento cristão, ela é de outra ordem. Ela encarna porque efetivamente atravessa o corpo, encarna porque ela é também um corpo que atua. Não me parece que à encarnação seja dado um sentido metafórico, mas não tenho suficiente vivência neste assunto para falar com mais propriedade. Penso que é um destes lugares em que é preciso reconhecer o limite. O que consigo perceber é uma relação de complementaridade e força, de atravessamento. A palavra é viva, os que presenciaram a performance de um griot fazendo sua louvação

contam que sua fala produz um efeito físico concreto, o corpo que ouve muda visivelmente, é atravessado pelo que está sendo dito, sua palavra age neste corpo. Segundo Hampaté Bâ, no texto *A tradição viva*, "a palavra é o grande agente ativo da magia africana".

Os griots pertencem, numa sociedade dividida em classes ou castas, à categoria dos artesãos. A sociedade antiga dividia-se entre nobres, ou *horon*, que possuíam a autoridade política e não tinham ocupação definida, e cativos ou *jon*, presos de guerra e seus descendentes. As divisões de classe aqui não implicam uma ideia de hierarquia, nem estão ligadas à religião, dizem respeito ao ofício exercido e à posição que se ocupa na sociedade, é também uma maneira de preservar e controlar os conhecimentos secretos. Embora esta divisão ainda exista informalmente, na constituição do Mali de hoje, todos são iguais perante a lei.

Entre os nobres e os cativos, havia os artesãos. Artesãos são transformadores, os griots são os artesãos da palavra, tanto transformam-na no seu uso, quanto usam-na para transformar. É um ofício que se aprende desde pequeno, transmitido de pai para filho. Os artesãos - ferreiros, carpinteiros, tecelões, sapateiros e os griots ou djelis - são chamados de *nyamakala*. *Nyama* é a força oculta que está em todas as coisas, a força que pode ordenar ou destruir o mundo, e *nyamakala*, em bambara quer dizer, antídotos do *nyama*. Os *nyamakalaw* são muito respeitados por possuírem poderes especiais. Eles aprendem a domar o *nyama*, através de cada arte específica. Os artesãos não podem ser submetidos à escravidão, os nobres são também responsáveis por sua sobrevivência e lhes devem presentes.

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é *vivido*, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras Sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto.

Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é *geradora e formadora de um tipo particular de homem*. Pode-se afirmar que existe a civilização dos ferreiros, a civilização dos tecelões, a civilização dos pastores, etc.⁸

O seu aprendizado se dá através de conhecimentos especiais, e cada arte está relacionada a um poder oculto, os ferreiros parecem estar no centro dos *nyamakalaw*, sem eles não haveria armas para os caçadores, tigelas para a cozinha, nem instrumentos para os agricultores. Segundo algumas histórias, o primeiro homem na terra era um ferreiro. Entender o que o *nyama* representa para os africanos parece fundamental para entender seu ethos .

*“It controls nature, the stars and the motions of the sea. Nyama is truly the sculptor of the universe. While nyama molds nature into its many forms, the nyamakalaw (handlers of nyama) can shape nyama into art. The nyamakalaw spend their entire lives perfecting special secret skills that are passed down from generation to generation. The nyamakalaw are the only people in Mande that can use magic and are often skilled as sorcerers, blacksmiths, leather workers or bards.”*⁹

Os *nyamakalaw* passam por uma formação na qual não há distinção entre ofício e vida. Trabalho e mundo invisível, sagrado e cotidiano não se distinguem. Hampâté Ba diz que o ofício esculpe o homem. Para o griot, as palavras são seu artesanato, seus instrumentos e ferramentas. Ele materializa palavras sagradas, em seu ofício o aprendiz é obrigado a viver a palavra em cada gesto. O mundo material, espiritual, e o mundo das palavras não se distinguem, eles são permeáveis, a ética é atravessada pela prática. É através da fala que os griots aprendem a domar o *nyama*.

Os griots são artistas, genealogistas, poetas, louvadores, músicos, dançarinos, contadores de histórias; são também conselheiros e mediadores, atuando em toda espécie de conflito; são intérpretes, tradutores e professores, participando na educação da sociedade através das suas histórias e provérbios. Sua presença é fundamental em cerimônias marcantes tais como batismo, iniciação, casamento, eleição de um chefe e, em alguns casos, funeral. Por terem

⁸ BÂ, Amadou Hampaté. *A tradição viva* in *História Geral da África*, vol.1. Ed. Ática. São Paulo/Paris: Ed. Ática/UNESCO, 1982. p. 199.

⁹ BASTIAN, Prof. Mandy. *The World of the Mande: History, Art and Ritual in the Mande Culture, and Caste Systems in Mande Society*, Anthropology/Africana Studies 269 and Anthropology/Africana Studies 267, (Franklin and Marshall College, Lancaster, PA) 1997-1999.

o domínio da palavra, eles gozam de um status social especial. Diferente dos *horon*, eles podem se manifestar à vontade em sua fala, podem ser cínicos e imprudentes, e para alguns, têm a "boca rasgada", o que faz com que não se comprometam com a verdade. Por esta liberdade é que são a voz de seus mestres. Para um griot, é possível mudar de opinião e desdizer a si mesmo, coisa que não se permite a um nobre. Desta maneira, ele o protege, portador de contradições, assume a responsabilidade por erros e desditos, atraindo para si as críticas e desafetos.

Na base de sua formação está a música, o canto, os contos e a poesia lírica. Suas apresentações misturam texto, dança e música. As artes não se dissociam, de certa forma, mal se diferenciam.

Resumindo a função do griô, Yussuf Tata Cissé diz de Wa Kamissoko que a palavra Djali, griô, constituía, em sua opinião, o mais belo título que o Manden deu a um grupo sócio-profissional, pois significava “saber discernir a verdade e saber aceitá-la custe o que custar; saber dizer a verdade em todo lugar e a todos; levar os homens a trabalhar na honra e na dignidade; contar as coisas antigas, ou seja, a história; cantar os grandes feitos dos bravos e dos justos; denunciar os vícios dos ladrões e dos tratantes; divertir o público fazendo música, cantando e dançando; celebrar as festas e as cerimônias.”¹⁰

¹⁰ BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: O desafio da História Regional*. SEPHIS / CEAA, Rio de Janeiro: 2000. p. 8.